



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS

ANA MARIA SILVA DE ANDRADE

ABUSO INFANTIL E PROSTITUIÇÃO EM SAPATO DE SALTO, DE LYGIA
BOJUNGA

João Pessoa

2024

ANA MARIA SILVA DE ANDRADE

**ABUSO INFANTIL E PROSTITUIÇÃO EM SAPATO DE SALTO, DE LYGIA
BOJUNGA**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Letras
Português da Universidade Federal da Paraíba como pré-requisito
para obtenção do grau de licenciada em Letras, habilitação em
Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Daniela Maria Segabinazi.

JOÃO PESSOA

2024

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

A533a Andrade, Ana Maria Silva de.
Abuso infantil e prostituição em Sapato de Salto, de
Lygia Bojunga / Ana Maria Silva de Andrade. - João
Pessoa, 2024.
37 f.

Orientador: Daniela Maria Segabinazi.
TCC (Graduação) - Universidade Federal da
Paraíba/Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes.

1. Lygia Bojunga. 2. Literatura Infantojuvenil. 3.
Temas Fraturantes. I. Segabinazi, Daniela Maria. II.
Título.

UFPB/CCHLA

CDU 82-93

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer a Deus por guiar minha jornada e me permitir alcançar o final do curso, apesar de todas as adversidades enfrentadas ao longo do caminho.

À minha querida avó Aldacir, por estar sempre ao meu lado, me apoiando, incentivando e celebrando cada uma das minhas conquistas. À minha família, por todo o suporte durante esses cinco anos de graduação.

Ao meu noivo Eduardo, por estar sempre ao meu lado, oferecendo apoio incondicional e sendo meu maior incentivo para não desistir. Sua presença e carinho foram pilares essenciais durante esse percurso. À minha querida gatinha Isabela, minha fiel companheira durante inúmeras noites de escrita.

Ao grande amigo que fiz durante minha jornada na UFPB, José Carlos, com quem compartilho não apenas experiências acadêmicas, mas uma conexão tão íntima que parece que dividimos os mesmos neurônios. A Layane Ferreira, que esteve sempre ao meu lado desde minha chegada a João Pessoa, obrigada por todos os momentos compartilhados e risadas que dividimos juntas. A Luana Luiza, com quem posso discutir uma variedade de assuntos ao mesmo tempo, sem nunca perder a animação, é um privilégio compartilhar momentos tão significativos ao seu lado. Aos queridos amigos que surgiram em minha vida quase no fim do curso, Esther Fernanda e Athirson Carvalho, agradeço por todos os momentos compartilhados, palavras de apoio e risadas.

À minha orientadora Professora Dra. Daniela Maria Segabinazi, agradeço com imenso carinho pela orientação constante, suporte e paciência. Suas orientações foram fundamentais para a concretização desse momento.

Obrigada!

“Que os dragões sejam moinhos de vento...”

(Engenheiros do Havaí)

RESUMO

Lygia Bojunga destaca-se como uma das principais representantes da vertente inovadora na literatura infantojuvenil, sendo reconhecida por abordar temas fraturantes – temáticas consideradas tabus pela sociedade, como morte, suicídio, prostituição, estupro, violência – de forma sensível e enriquecedora. Reconhecendo a relevância desses temas na formação do indivíduo leitor, nossa justificativa reside na compreensão de que a abordagem desses assuntos, pertinentes à realidade, contribui significativamente para o desenvolvimento crítico, emocional e social dos leitores. Nesse sentido, este trabalho tem como objetivo geral analisar a obra *Sapato de Salto* (2006) da referida autora, enfocando o tratamento que ela dá a temáticas fraturantes presentes na narrativa. Para isso, delinearemos um perfil da literatura infantojuvenil ao longo dos anos, explorando sua transformação de uma perspectiva utilitário-pedagógica para uma visão mais inovadora. Em seguida, examinaremos de maneira mais detalhada a vida, obra e impacto da autora, proporcionando uma compreensão mais profunda de sua contribuição e relevância no contexto literário contemporâneo. Por fim, utilizando como base essas discussões, procederemos à análise da narrativa, com destaque para duas temáticas principais: o abuso infantil e a prostituição, ambas amplamente exploradas na obra. Como referencial teórico para a pesquisa bibliográfica selecionamos pesquisas de Coelho (2000), Zilberman e Cademartori (1987), Ramos e Navas (2015), Bortoluzzi (2013), Sandroni (1987), Palhano (2008), entre outros.

Palavras-chave: Literatura infantojuvenil; Lygia Bojunga; Temas Fraturantes.

ABSTRACT

Lygia Bojunga stands out as one of the leading representatives of the innovative trend in children's and young adult literature, recognized for addressing fracture themes—topics considered taboos by society, such as death, suicide, prostitution, rape, violence—in a sensitive and enriching manner. Acknowledging the relevance of these themes in shaping the reader's individuality, our justification lies in the understanding that addressing these issues, pertinent to reality, significantly contributes to readers' critical, emotional, and social development. In this regard, this work aims to analyze the book "Sapato de Salto" (2006) by the aforementioned author, focusing on the treatment she gives to fracture themes present in the narrative. To achieve this, we will outline a profile of children's and young adult literature over the years, exploring its transformation from a utilitarian-pedagogical perspective to a more innovative vision. Next, we will examine in more detail the life, work, and impact of the author, providing a deeper understanding of her contribution and relevance in the contemporary literary context. Finally, using these discussions as a basis, we will proceed to analyze the narrative, with emphasis on two main themes: child abuse and prostitution, both extensively explored in the work. As theoretical references for bibliographic research, we selected studies by Coelho (2000), Zilberman and Cademartori (1987), Ramos and Navas (2015), Bortoluzi (2013), Sandroni (1987), Palhano (2008), among others.

Keywords: Children's and young adult literature; Lygia Bojunga; Fracture Themes.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
1 ABORDAGEM SENSÍVEL DE TEMAS FRATURANTES NA LITERATURA INFANTOJUVENIL.....	9
2 LYGIA BOJUNGA: UMA AUTORA NOTÁVEL NA ABORDAGEM SENSÍVEL	17
2.1. A literatura de Lygia Bojunga: influências e inovações.....	20
3 TEMAS FRATURANTES EM <i>SAPATO DE SALTO</i>	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS.....	40

INTRODUÇÃO

Em épocas passadas e, em certos contextos ainda atuais, a literatura infantojuvenil foi frequentemente vinculada a uma abordagem pedagógica, visando moldar o comportamento dos leitores por meio de histórias que propunham modelos de conduta a serem adotados ou evitados. No entanto, existem diversas vertentes que buscam romper com essa abordagem unidimensional. Segundo Coelho (2000), essas vertentes vão além de simplesmente oferecer exemplos ou conselhos; elas têm o poder de instigar novas ideias e uma atitude receptiva em relação às inovações que a vida cotidiana apresenta.

Todavia, essa abordagem nem sempre é bem recebida pelo público adulto, uma vez que ao lidar com "temas fraturantes" (Ramos; Navas, 2015) que englobam uma diversidade de assuntos, como guerra, violência, morte e sexualidade, suscitam preocupações e incertezas sobre o possível impacto que podem ter nas mentes jovens, levando alguns adultos a questionarem sua adequação para esse público. Monteiro Lobato figura como um dos primeiros escritores brasileiros a incorporar essa tendência inovadora em suas narrativas, exercendo uma influência significativa sobre os autores que vieram depois e que são considerados herdeiros da sua tradição literária (Zilberman, 2010).

Nesse contexto, Lygia Bojunga se destaca como uma das herdeiras dessa tradição, além de ser um dos grandes nomes do movimento literário inovador, conhecida por sua habilidade em abordar temas fraturantes de maneira sensível ao público infantojuvenil. Para além do seu sucesso no Brasil, Bojunga foi reconhecida internacionalmente, recebendo prêmios de prestígio, como o Hans Christian Andersen e o Astrid Lindgren Memorial Award. Ela utiliza uma linguagem acessível, uma narrativa envolvente e personagens com os quais os leitores podem se identificar. Como resultado, suas obras têm contribuído significativamente para a literatura infantojuvenil ao tratar temas considerados tabus pela sociedade de maneira responsável e enriquecedora. Assim, o cerne dessa pesquisa reside na análise de uma de suas obras, o livro *Sapato de Salto* (2006), investigando sua abordagem dos temas sensíveis presentes na narrativa, com ênfase nos temas do abuso infantil e da prostituição.

Para isso, adotamos uma metodologia fundamentada na pesquisa bibliográfica. Este método envolveu a busca, leitura e seleção de uma variedade de trabalhos acadêmicos relacionados ao tema, incluindo os estudos de Palo e Oliveira (2003), Zilberman e Cademartori (1987), Coelho (2000), Ramos e Navas (2015), Jarlicht (2011), Feba (2015),

Perroti (1986), Ribeiro (2022), dentre outros, os quais embasam nosso primeiro capítulo. Nele, traçamos um debate em torno do gênero infantojuvenil, com foco nas abordagens utilitário-pedagógica e inovadora, priorizando esta última para discutir temas fraturantes na literatura infantojuvenil.

Em seguida, no segundo capítulo, com base nas análises de Sandroni (1987), Nardes (1991), Marchi (2000), Palhano (2008), dentre outros, investigamos a vida, obra e trajetória de Lygia Bojunga, abordando suas influências, inovações e examinando o corpus crítico gerado em torno de sua produção literária. Isso nos permitiu alcançar o objetivo específico de investigar a produção da autora como um meio de compreender sua abordagem inovadora na literatura infantojuvenil. No terceiro e último capítulo, cumprimos o objetivo geral deste trabalho ao analisar profundamente a obra *Sapato de Salto* (2006) da referida autora em relação aos temas do abuso infantil e da prostituição, utilizando estudos de Bortoluzi (2013) e Filho *et al.* (2018) como apoio para nossa pesquisa.

Em síntese, nossa análise revela a importância crucial da obra Bojanguiana na esfera da literatura infantojuvenil, tendo em vista que ao abordar temas complexos de maneira sensível e reflexiva, Bojunga não apenas cativa seus leitores, mas também os desafia a refletir sobre questões fundamentais da vida. Essas obras transcendem as fronteiras da idade, impactando tanto jovens quanto adultos e enriquecendo seu entendimento do mundo e de si mesmos. Esperamos que este estudo incite um maior interesse e debate sobre a literatura infantojuvenil, incentivando educadores e acadêmicos a explorar ainda mais as possibilidades transformadoras desse gênero e a promover seu acesso e apreciação entre o público jovem.

1 ABORDAGEM SENSÍVEL DE TEMAS FRATURANTES NA LITERATURA INFANTOJUVENIL

Ao longo da história, a concepção e a abordagem em relação às crianças evoluíram significativamente. Antigamente, não existia uma distinção clara entre adultos e crianças, tampouco havia o conceito de infância, por isso, elas eram consideradas como “mini-adultos” (Brenman, 2012 *apud* Ribeiro, 2022, p. 18), ou até mesmo como projetos de adultos, esperando-se delas a aquisição precoce de habilidades e responsabilidades próprias da vida adulta (Ariès, 1986 *apud* Ribeiro, 2022, p. 18).

Até que, por volta do século XIII, começaram a surgir algumas representações artísticas mais próximas à ideia de criança (Ribeiro, 2022, p. 22):

Surgiu, primeiramente, o anjo representado com a aparência de um jovem rapaz, com traços redondos e graciosos, e de meninos mal saídos da infância (ARIÈS, 1986, p. 52). Depois, o menino Jesus ou a Nossa Senhora menina. “O sentimento encantador da tenra infância permaneceu limitado ao menino Jesus até o século XIV [...]” (ARIÈS, 1986, p. 53). Outro exemplo, posteriormente, foi a criança da fase gótica, a criança nua. As representações artísticas da infância começaram assim, timidamente, e o momento histórico influenciou muito nessa percepção. A infância ainda não havia sido teorizada, apenas representada na arte. (Ariès, 1986 *apud* Ribeiro, 2022, p. 22)

Séculos depois, durante o período do Iluminismo, “avanços teóricos na percepção da infância como algo inerentemente diferente da vida adulta foram feitos por pensadores como Jean Jacques Rousseau e John Locke.” (Ribeiro, 2022, p. 22)

Para o primeiro, a criança era um ser que nascia puro e era pervertido pela sociedade, uma visão ainda presente na mente de muitos pais e educadores na atualidade. Para o segundo, a criança nascia com a mente vazia, como uma folha em branco ou uma tábula rasa (BRENMAN, 2012). Os adultos tinham, então, o papel de preenchê-las de forma responsável. Caso uma criança fosse inadequada disciplinar ou intelectualmente, a culpa recairia sobre os adultos que a criaram. Tal mentalidade fez com que a educação infantil se tornasse uma prioridade (BRENMAN, 2012). (Brenman, 2012 *apud* Ribeiro, 2022, p. 22)

Dessa maneira, a criança passa a ser percebida como um indivíduo que necessita de atenção e de uma educação específica e apropriada para sua idade. A partir desse contexto, surgem adaptações de histórias clássicas do folclore europeu: os contos de fadas e fábulas. Possivelmente, o desejo de direcionar esses contos a um público infantil motivou Charles

Perrault (1628-1703), o precursor dessas adaptações, a habilmente eliminar certos elementos que poderiam prejudicar a integridade da obra (Carvalho, 1989 apud Franco, 2011, p. 126). Além dele, escritores como os irmãos Jacob Grimm (1785-1863) e Wilhelm Grimm (1786-1859), bem como Hans Christian Andersen (1805-1875), desempenharam papéis fundamentais nessa tradição, buscando transmitir valores e lições por meio de suas narrativas didáticas.

Assim, por um longo período, a literatura destinada ao público infantojuvenil foi caracterizada por essa abordagem moralista, na qual as histórias visavam transmitir valores tidos como socialmente aceitáveis. Nesse sentido:

o que chamamos de literatura infantil ‘específica’, isto é, os textos escritos exclusivamente para crianças, tem sua origem primariamente não em motivos literários, mas pedagógicos. (Baumgartner *apud* Zilberman; Magalhães, 1987, p.12)

Todavia, essa abordagem foi perdendo relevância, cedendo lugar a uma literatura mais contemporânea e inovadora que estimula crianças e jovens a questionarem o seu entorno social. Portanto, enquanto a visão moralista traz consigo uma função *utilitário-pedagógica*, implicando o efeito educativo do livro na criança (Palo, Oliveira, 2003) a visão inovadora, segundo as autoras (Zilberman; Cademartori, 1987), reconhece os infantojuvenis como sujeitos ativos na construção do seu próprio entendimento de mundo.

Destarte, a abordagem moralista, ao centrar-se na transmissão de valores preestabelecidos pela sociedade adulta, pode limitar o potencial criativo e crítico dos jovens leitores, reduzindo-os a receptores passivos de informações. Desse modo:

[...] a inclinação pedagógica motiva o mascaramento da verdade; a teoria do ensino, sendo conformista porque visa a adequar o sujeito a uma sociedade que deve permanecer imutável, não pode questionar seu contorno social. Transladada ao texto infantil, ela impede qualquer representação verossímil, exagerando os traços de positividade e do status quo ou os sinais de negatividade dos aspectos marginais que possam desestabilizar o todo circundante. (Baumgartner *apud* Zilberman; Cademartori, 1987, p. 23)

Por outro lado, a visão inovadora, ao reconhecer crianças e adolescentes como sujeitos ativos na construção de seu próprio entendimento de mundo, promove uma leitura

mais dinâmica e participativa, incentivando o pensamento crítico, a imaginação e a autonomia intelectual. Logo, essa perspectiva:

se compromete com o interesse da criança, transforma-se num meio de acesso ao real, na medida em que lhe facilita a ordenação de experiências existenciais, através do conhecimento de histórias, e a expansão de seu domínio linguístico. (Zilberman; Cademartori, 1987, p. 14)

Entretanto, essa abordagem inovadora, por vezes, não é bem recebida pelo público adulto, uma vez que ao lidar com "temas fraturantes" (Ramos; Navas, 2015) que englobam uma diversidade de assuntos "considerados impróprios, inadequados ou muito agressivos para serem discutidos" (Ramos; Navas, 2015, p. 246), como violência, sexualidade, morte, prostituição, drogas e identidade, gera desconforto e preocupação sobre o impacto dessas temáticas nas mentes jovens. Isso se deve ao fato de que, mesmo nos dias atuais, "muitos concebem a criança como um leitor passivo e, conseqüentemente, facilmente persuadido" (Ribeiro, 2022, p. 23). Por conseguinte, muitos livros ainda são produzidos com propósitos educativos e moralizantes, buscando fortalecer a autoridade dos adultos, assumindo o papel de suprir a educação que estes, por vezes, não têm tempo de fornecer, ao mesmo tempo em que buscam padronizar o comportamento de seus leitores (Ribeiro, 2022, p. 23).

Nesse contexto, obras que desafiam essa autoridade adulta ao se desviarem da abordagem moralista muitas vezes são alvos de censura. Um exemplo disso ocorreu em 2018, quando o livro *O menino que espiava pra dentro* (1983), de autoria de Ana Maria Machado, foi acusado por pais de uma escola na cidade do Recife, em Pernambuco, de incitar o suicídio de seus leitores (Autran, 2018). Resumidamente, a obra narra a história de um menino chamado Lucas que, como toda criança, vive no mundo da imaginação e sonha em permanecer para sempre com seu amigo imaginário. Para concretizar esse desejo, ele elabora planos para tornar esse sonho realidade e permanecer para sempre com seu amigo. A solução que ele encontra é imitar *A Branca de Neve* com a maçã. Assim, ao morder a maçã ele se deita em sua cama e adentra no mundo dos sonhos, uma metáfora poética que simboliza a criança mergulhando no universo da imaginação (Ribeiro, 2022, p. 13). Ao se deparar com a polêmica, Ana Maria Machado expressou surpresa: "Até peguei o livro para reler, pensando que pudesse ter alguma frase infeliz. Mas que nada. É apenas a história de um menino cheio de imaginação que precisava de um amigo, e acaba ganhando um cachorro", disse a autora (Autran, 2018). Este é apenas um exemplo entre vários casos de livros

infantojuvenis de autores consagrados que têm sido alvo de censura, seja por parte de pais, educadores ou políticos (Ribeiro, 2022, p. 13).

Diante disso, na literatura infantojuvenil contemporânea as temáticas sensíveis vêm sendo abordadas cada vez mais pelos autores devido à diversidade de contextos sociais presentes em nossa realidade, o que torna o tratamento desses temas essencial para a compreensão e empatia entre os jovens leitores. Isso porque, segundo Coelho (2000):

Mais do que dar exemplos ou conselhos, a literatura inovadora propõe problemas a serem resolvidos, tende a estimular, nas crianças e nos jovens, a capacidade de compreensão dos fenômenos; a provocar ideias novas ou uma atitude receptiva em relação às inovações que a vida cotidiana lhes propõe (ou proporá) e também capacitá-los para optar com *inteligência* nos momentos de agir. (Coelho, 2000, p. 154-155)

Monteiro Lobato (1882-1948) é reconhecido como o precursor brasileiro dessa corrente inovadora ao abordar temas que, anteriormente, eram reservados ao público adulto (Ribeiro, 2022, p. 15):

Monteiro Lobato (1882-1948), ao inaugurar as publicações da literatura infantil genuinamente brasileira, inicia um processo qualitativo ao inovar o uso da linguagem, criar personagens ativas, inteligentes, independentes e livres para expor ideias. Institui um espaço mágico, o do Sítio do Picapau Amarelo, onde seu elenco de personagens vive aventuras. Ao mantê-las em histórias diferentes, atribuiu aos textos o caráter de série, sendo necessário, exclusivamente, inventar os desafios a serem vividos. Além disso, trouxe para debate questões consideradas até então impróprias para crianças, sendo de interesse somente do mundo adulto, como o desenvolvimento do país e as implicações em decorrência das guerras. (Sandroni, 1987 *apud* Feba, 2015, p. 9)

À vista disso, sua habilidade em fundir entretenimento e discussões pertinentes à realidade do país marca um movimento importante nesse meio literário, inspirando futuros escritores. Assim, a partir da década de 1970, “época apontada como um marco definitivo entre a antiga e a nova visão de literatura destinada às crianças e aos jovens brasileiros” (Jarlicht, 2011, p. 66) consolidou-se, trazendo consigo novos e marcantes autores, em meio a um aumento significativo do público leitor. Esse crescimento foi impulsionado por reformas no sistema educacional, que promoveram a incorporação de livros ao ambiente escolar. Esses novos livros apresentavam um tom distinto do que era habitualmente esperado (Ribeiro, 2022, p. 15-16):

O Brasil focalizado é o atual, de cenário urbano, levando os livros a assumirem um tom contestador, do qual não são excluídos problemas e crises do homem inserido naquela sociedade. As personagens são críticas, participativas e podem ser representadas vivendo situações de miséria e sofrimento. O mundo infantil figura-se de modo desajustado, com foco em problemas que parecem mais pertencer ao universo adulto. Tais desajustes induzem a uma perda da identificação do que seja o pueril. (Feba, 2015, p. 10)

Os autores que surgiram na década de 1970, alinhados à tendência inovadora, são considerados, segundo Zilberman (2010), herdeiros da tradição literária lobatiana, tais como Ana Maria Machado, Lygia Bojunga e Ruth Rocha.

O lúdico, o humor, a presença do imaginário, a valorização do folclore brasileiro, a linguagem inovadora e poética, presentes na obra lobatiana, são trazidos de volta tematizando desde o folclore brasileiro até situações-problema da realidade brasileira. Passando também pelas questões relativas às relações humanas, consideradas tabus, como por exemplo, a morte e a separação. Tudo isso tendo como prioridade o ponto de vista da criança. (Jarlicht, 2011, p. 68)

Nesse contexto, Lygia Bojunga, autora foco desta pesquisa, destaca-se como uma das figuras proeminentes desse período não apenas pelo que conta em suas narrativas, mas pela maneira como as conta (Jarlicht, 2011, p. 69).

O impacto causado à literatura brasileira para crianças pela obra de Lygia Bojunga Nunes, por exemplo, dificilmente poderá tornar sustentável a defesa do utilitarismo como forma ideal e/ou única de discurso literário dirigido à criança ou ao jovem. Rompendo definitivamente, como João Carlos Marinho, com a tradição utilitária, a excepcional autora gaúcha acenou sempre, desde *Os colegas*, publicado em 1972, com o discurso da possibilidade, que sempre deixou claro para o leitor estar ele diante de um universo “criado”, de um “artifício” que não se quer “verdade”, que não se quer dogma a ser seguido, ainda que seu universo aponte para direções bem definidas. (Perroti, 1986 apud Passos, 2018, p. 46)

As obras da autora, de maneira geral, entrelaçam o realismo e o fantástico, a antropomorfização de animais e objetos, dando a criança a voz principal (Ribeiro, 2022, p. 20), sem negligenciar sua capacidade leitora de compreender, refletir e desenvolver habilidades críticas sobre essas questões sensíveis, uma vez que “a convivência com textos

literários provoca formação de novos padrões e o desenvolvimento do senso crítico”
(Cademartori1994, p.19)

Numa época em que a censura estava institucionalizada e que a liberdade de pensamento era cerceada, Lygia Bojunga Nunes publicará obras em que parecem pavões com pensamentos costurados. Quando os movimentos sociais estavam completamente desarticulados e as poucas resistências que ainda restavam resumiam-se a pequenos grupos em portas de fábrica, a escritora nos apresentará personagens que demonstram a força do trabalho coletivo e o valor da democracia.
(Palhano, 2009, p. 27)

Nesse sentido, Lygia Bojunga desempenha um papel indispensável nesse processo de evolução da literatura infantojuvenil, contribuindo de maneira significativa na formação crítica e sensível das novas gerações. No próximo capítulo, exploraremos de maneira mais detalhada sobre a vida e obra da autora, bem como suas contribuições para o cenário literário infantojuvenil.

2 LYGIA BOJUNGA: UMA AUTORA NOTÁVEL NA ABORDAGEM SENSÍVEL

Lygia Bojunga Nunes nasceu em 26 de agosto de 1932 em Pelotas, Rio Grande do Sul, onde passou seus primeiros anos antes de se mudar para o Rio de Janeiro aos oito anos de idade. Foi no Rio que iniciou sua jornada como atriz, integrando a companhia teatral *Os Artistas Unidos*, que realizava turnês pelo interior do país. Durante as viagens, “pôde acompanhar a situação do analfabetismo brasileiro, fator que a impulsionou a abrir uma escola destinada às crianças menos favorecidas. Administrou a instituição por cinco anos e depois foi trabalhar no rádio e na televisão” (Leal, 2021, p. 9). Além disso, criou a Fundação Cultural Casa Lygia Bojunga, uma instituição que promove e apoia iniciativas relacionadas à literatura e ao meio ambiente.

No ano de 1972, em meio à ditadura militar no Brasil, Lygia publicou sua primeira obra intitulada *Os Colegas*. Desde então, e até os dias atuais, expandiu sua produção literária resultando em um acervo composto por vinte e três livros: *Os colegas* (1972); *Angélica* (1975); *A bolsa amarela* (1976); *A casa da madrinha* (1978); *Corda bamba* (1979); *O sofá estampado* (1980); *Tchau* (1984); *O meu amigo pintor* (1987); *Nós três* (1987); *Livro, um encontro* (1988); *Fazendo Ana Paz* (1991); *Paisagem* (1992); *6 vezes Lucas* (1995); *O abraço* (1995); *Feito à mão* (1996); *A cama* (1999); *O Rio e eu* (1999); *Retratos de Carolina* (2002); *Aula de inglês* (2006); *Sapato de Salto* (2006); *Dos vinte 1* (2007); *Querida* (2009); *Intramuros* (2016).

Seus trabalhos são traduzidos para mais “de 15 idiomas, dentre eles, o francês, o alemão, o italiano, o espanhol, o norueguês, o sueco, o hebraico, o búlgaro, o checo e o islandês” (Leal, 2021, p. 9). Foi contemplada com as mais prestigiosas premiações literárias, tanto em âmbito nacional quanto internacional.

No ano de 1973, Lygia Bojunga ganhou o Prêmio Jabuti. Praticamente dez anos após a recepção do primeiro prêmio literário, o IBBY (International Board on Books for Young People) confere à autora, em 1982, o Prêmio “Hans Christian Andersen”, o qual nunca havia sido entregue nas mãos de nenhum escritor que não fosse de nacionalidade americana ou européia. Em 1986, Lygia Bojunga ganhou o Prêmio da Literatura Patterfanger, e, em 2004, recebeu o Prêmio ALMA (Astrid Lindgren Memorial Award), que é um prêmio literário criado em 2002 e concedido anualmente pelo Governo Sueco por meio do Conselho Nacional da Cultura, concedido a escritores, ilustradores ou entidades ligadas à leitura e à literatura infantil e juvenil, entregue pela primeira vez a uma escritora brasileira. (Leal, 2011, p. 10)

Lygia Bojunga é amplamente reconhecida por abordar em seus livros assuntos difíceis com sensibilidade e empatia. Suas narrativas se afastam das obras de caráter utilitário-pedagógico, tendo em vista que, além dos temas tradicionais presentes em narrativas infantojuvenis, que frequentemente são mais leves, temas fraturantes considerados tabus pela sociedade, como morte, solidão, abusos sexuais e psicológicos, tristeza, prostituição, pedofilia, suicídio e conflitos familiares (Ribeiro, 2022, p. 20). Além disso, tanto a utilização de metáforas quanto o uso da linguagem cotidiana são características presentes em suas obras, esses aspectos, no entanto, “não se encontram de forma a empobrecer o texto”. Muito ao contrário, a autora usa de recursos vários, descobrindo múltiplos usos da língua e instaurando o espaço de liberdade e subversão que é o texto literário” (Sandroni, 1987 apud Ribeiro, 2022, p. 85). Dessa forma:

A literatura infantojuvenil, trabalhando com a linguagem simbólica, dá à criança respostas a seus conflitos, possibilitando-lhe vivenciá-los em seu imaginário e com isso sugerindo soluções que a levarão ao amadurecimento psicológico. (Sandroni, 1987 apud Ribeiro, 2022, p. 20)

Apesar dessa abordagem séria, ela não deixa de incorporar o elemento fantástico às narrativas, visto que “[...] a fantasia utilizada por Lygia remete ao real e é sempre utilizada a fim de aguçar a percepção crítica, ao contrário de outras histórias que a utilizam como fator alienante” (Marchi, 2000 apud Pires, 2013, p. 20). Assim:

De forma geral, no ser humano, e mais propriamente na criança, imaginação, sensibilidade, inteligência, não são funções que se podem dissociar: a crença psíquica é global. E por isso que a criança, para se desenvolver harmoniosamente e de maneira equilibrada, tem necessidade do sonho e do imaginário, mas um imaginário são e autêntico, de qualidade real. Exatamente o que a Literatura infanto-juvenil de Lygia Bojunga tem a oferecer. (Nardes, 1991 apud Pires, 2013, p. 13)

Nesse contexto, o espaço concedido à criança leitora nas obras da autora, conforme observado por Pires (2013), é notável:

Nas obras de Lygia, antes de mais nada, percebe-se que a criança é um ser em formação, que precisa ser respeitada em sua individualidade, a fim de que alcance sua integração no mundo como indivíduo consciente e mentalmente equilibrado. A concepção de criança como ser frágil e sem capacidade de escolha foi afastada para emergir um ser com personalidade, num texto despido de qualquer propósito de dominação, de caráter emancipatório. (Marchi, 2000 apud Pires, 2013, p. 9)

Ainda de acordo com Pires (2013), o foco do trabalho de Lygia Bojunga não reside no gênero do texto que ela produz, mas sim no público. A autora escreve com o leitor em mente, procurando sempre estabelecer um diálogo com quem está lendo, seja criança, jovem ou adulto.

O leitor desempenha um papel fundamental nas narrativas de Lygia Bojunga, pois, elas promovem sua ativação [...] na medida em que motivam o questionamento dos estereótipos, seja no que concerne às convenções literárias ou às circunstâncias sociais de onde provém o destinatário. (Marchi, 2000 apud Pires, 2013, p. 9)

Dessa maneira, notamos que Bojunga se empenha em estabelecer uma interação entre ela e o leitor, com o intuito de influenciar positivamente a formação social do indivíduo leitor (Pires, 2013, p. 14). Em outras palavras, é possível considerar que ela não se limita a apenas contar uma história; sua intenção é estabelecer um diálogo e uma conexão significativa entre o leitor, o autor e o texto, o que enriquece a experiência de leitura, promovendo reflexão e conscientização crítica sobre questões sociais. Logo, conforme expresso por Ana Maria Machado (1982) em artigo publicado no *Jornal do Brasil*, Lygia Bojunga:

É um dos autores mais originais que já tivemos a oportunidade de ler. Tem uma linguagem absolutamente própria, que prende o leitor. E cada frase tem uma mensagem subjacente. [...] A riqueza de suas metáforas é espantosa, bem como seu domínio técnico na elaboração da narrativa, e na perfeita fusão do social com o individual. (Machado, 1982)

Considerando o exposto, torna-se claro o motivo pelo qual suas obras despertam tanto interesse e são objeto de estudo e apreciação. Uma rápida pesquisa online revela um considerável número de análises críticas e pesquisas acadêmicas dedicadas às suas criações literárias, englobando mais de cem trabalhos acadêmicos, entre dissertações de mestrado e teses de doutorado. Esses estudos são documentados em plataformas como a CAPES

(Catálogo de Teses e Dissertações) e a BDTD (Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações), evidenciando o interesse e a relevância que sua obra desperta no meio acadêmico.

Diante desse contexto, vamos adentrar a análise de algumas dessas pesquisas dedicadas à obra de Lygia Bojunga, buscando obter uma compreensão mais ampla e aprofundada de seu impacto na literatura contemporânea.

2.1 A literatura de Lygia Bojunga: influências e inovações

A importância de Lygia Bojunga na esfera literária é inegável e, por ser uma figura tão premiada e significativa no contexto nacional, já foi analisada em diversos aspectos, resultando um vasto corpus crítico sobre suas obras (Ribeiro, 2022, p. 42). Essa diversidade reflete a importância que seu trabalho detém para pesquisadores e estudiosos contemporâneos que mergulham em suas obras na busca por significados mais profundos.

Nesse contexto, *De Lobato a Bojunga: As Reinacões Renovadas*, de Laura Sandroni, destaca-se como um dos estudos críticos mais importantes já feitos da autora. Inicialmente surgiu como uma dissertação de mestrado em 1985 e, posteriormente, em 1987, foi adaptada e publicada como livro; o estudo examina a evolução da Literatura Infantil desde suas raízes na tradição oral e no folclore, passando pelos pioneiros desse gênero no Brasil, até o impacto das inovações de Monteiro Lobato no estilo de Lygia Bojunga (Ribeiro, 2022, p. 42). Dessa maneira, uma das intenções de Sandroni (1987), segundo Ribeiro (2022), em sua dissertação *Realismo e fantasia no tratamento de temas fraturantes em Sapato de Salto e Corda Bamba, de Lygia Bojunga*, seria, ao analisar a obra da autora, evidenciar “que não existem diferenças, do ponto de vista estético, entre a obra literária destinada a adultos e aquela escrita para crianças” (Sandroni, 1987 *apud* Ribeiro, 2022, p. 42). Ou seja, a excelência literária não se limita a idade do público-alvo, podendo ser desfrutada por leitores de todas as faixas etárias:

Pretende-se evidenciar, através do exame da organização ficcional, da estrutura narrativa, da linguagem específica e da variedade temática, o alto nível literário alcançado por essa autora, comparável ao de outros grandes escritores brasileiros contemporâneos. Tenta-se dessa maneira demonstrar que a literariedade de um texto independe de seu presumível receptor — criança, jovem ou adulto. (Sandroni, 1987

apud Ribeiro, 2022, p. 42)

Bojunga também aborda os desafios da sociedade contemporânea, tanto as dinâmicas das relações humanas quanto os impactos psicológicos enfrentados pela criança, tudo isso com um alto nível de inventividade e originalidade na linguagem (Ribeiro, 2022, p. 43), promovendo a reflexão e a conscientização dos jovens leitores sobre questões importantes:

A partir do tema principal, a própria infância, Lygia Bojunga Nunes constrói narrativa impregnada de riquíssima fantasia que tem por base elementos tomados do real e como objetivo discutir os comportamentos sociais frutos da ideologia dominante sem, no entanto, deixar de lado sua função lúdica. (Sandroni, 1987 *apud* Ribeiro, 2022, p. 43)

Nesse sentido, Palhano (2008) em sua dissertação, *Leitura e desleitura na obra de Lygia Bojunga*, também aborda a influência de Lobato sobre Bojunga.

Os artistas criam seus precursores; algo semelhante à relação Bojunga- Lobato, uma vez que a escritora sempre ressaltou a importância e a influência de Monteiro Lobato em sua vida. À obra lobatiana a escritora deve o fato de ter tido sua imaginação despertada. Esse —endividamento é resgatado a cada vez que um leitor relembra esse precursor em alguma passagem de alguma obra de Lygia Bojunga. (Palhano, 2008, p. 90)

Esse "endividamento" mencionado, se refere às obras que a influenciaram, especialmente as de Lobato, e como essa leitora ativa conseguiu, mais tarde, transformar a ideia de "endividamento" com seus predecessores em superação e consolidação de um estilo próprio (Palhano, 2008, p. 117).

O prazer da leitura da ficção lobatiana proporcionou à leitora uma pluralidade de experiências e emoções necessárias a um ser em processo de formação. E ela conclui: "Eu li; eu experimentei eles todos (uma porção de Lobatos); eu curti" (Bojunga, 2001 *apud* Palhano, 2008, p. 42)

Nessa perspectiva, Passos (2013), em sua dissertação intitulada *Manual de estilo e criação literária com a artesã Lygia Bojunga*, afirma que, normalmente, a autora é associada ao mundo infantil. Contudo, existem algumas declarações dadas pela própria Lygia que desmestificam essa concepção, que frequentemente vem carregada de tons pejorativos, com a intenção de limitar o público-alvo de sua obra ou mesmo criar uma distinção de qualidade entre literatura voltada para crianças/jovens e literatura para adultos. Nesse sentido, conforme Passos (2013) exemplifica, uma das declarações onde a autora se posiciona perante essas concepções ocorreu quando ela comentou sobre sua produção literária durante a Ditadura Militar, afirmando que os militares não se interessavam pela leitura de livros infantis. Outra declaração dada por Bojunga está registrada na obra de Sandroni (1987), mencionada anteriormente, “quando a escritora responde que não sabe afirmar ao certo para quem ela escreve suas obras – se para crianças, se para jovens, se para adultos” (Passos, 2013, p. 43).

A obra de Lygia Bojunga Nunes, como se procurou demonstrar nesse estudo, situa-se entre as que melhor evidenciam essa concepção inovadora: a de uma Literatura Infantil suficientemente amadurecida para colocar-se lado a lado com a produção artística na qual os valores estéticos preponderam. Seus textos são essencialmente literários, originalmente metafóricos e questionadores, realizam-se enquanto linguagem promovendo a empatia. A distância Autor/Leitor é por ela anulada porque seu caminho é o da introspecção: ela está em busca da criança dentro de si mesma e por isso sua obra interessa ao leitor de qualquer idade. (Sandroni, 1987 *apud* Passos, 2013, p. 43)

Ou seja, a autora cria narrativas que transcendem as fronteiras etárias e se equiparam à produção artística adulta em termos de profundidade e qualidade estética. A “busca da criança dentro de si mesma” (Sandroni, 1987 *apud* Passos, 2013, p. 44) evidencia esse aspecto tendo em vista que ao buscar a criança dentro de nós mesmos, nos reconectamos com a curiosidade e a imaginação que muitas vezes perdemos na vida adulta. Logo, as obras de Bojunga alcançam “tanto os leitores infantis e juvenis quanto os leitores adultos (Passos, 2013, p. 44).

Uma outra pesquisa significativa sobre a obra de Lygia Bojunga é a dissertação de mestrado *Calçando um Sapato de Salto: um estudo da recepção de temas polêmicos por leitores jovens*, escrita por Jemima Bortoluzzi. Ela analisa o livro *Sapato de Salto* (2006),

conectando o valor estético da obra à sua dimensão social, sem instrumentalizá-la como um recurso paradidático. Em vez disso, destaca seu potencial artístico e sua contribuição para a formação do leitor-cidadão (Ribeiro, 2022, p. 45-46).

Estamos bem cientes de que não cabe à literatura preparar crianças e adolescentes para lidar com a vida. No entanto, sendo a literatura uma experiência essencial de comunicação, pode-se abordar por meio dela toda espécie de experiência humana, inclusive as negativas. Desta forma, disponibilizar ao leitor juvenil o acesso a bons textos literários que problematizem a realidade pode ser mais que uma maneira de desenvolver bons leitores, mas um meio de auxiliá-los na construção de criticidade, na aquisição de novos conhecimentos e mediar, em alguma medida, a promoção da cidadania e a diminuição de muitos preconceitos (Bortoluzi, 2013, p. 12)

Em concordância ao que foi dito, é crucial entendermos que a literatura não deve ser limitada à função de preparar crianças e adolescentes para os desafios da vida, mas sim como uma forma essencial de comunicação, capaz de explorar uma vasta gama de experiências humanas, tendo em vista que:

sabemos o quanto é importante que o ensino vá além da descrição e busque formar nos alunos as capacidades de analisar, explicar, prever e intervir, permitindo, assim, uma compreensão mais ampla da realidade e facilitando um desenvolvimento intelectual, social e afetivo mais completo e integrado. (Bortoluzi, 2013, p. 12)

Em outro momento de sua análise, Bortoluzi (2013) compara o livro *Sapato de Salto* (2006) a outras obras de Bojunga, onde o elemento fantástico é mais proeminente que o real (Ribeiro, 2022, p. 46).

Muito embora todas as temáticas sejam tratadas com a poeticidade e delicadeza já conhecidas desta autora, ainda que tenhamos como protagonista da história uma personagem criança e mesmo mantendo-se a linha oral e ágil na construção da linguagem na narrativa, há em *Sapato de Salto* uma peculiaridade que o diferencia de outras obras de Lygia mais voltadas para o público infantil. É o predomínio do real sobre o fantástico que pinta os tons esmaecidos dessa história, uma vez que não se percebe a projeção ou intromissão do elemento extraordinário, desenhado pela imaginação, na realidade tangível exterior ao espírito (HELD, 1980, p. 32). Nenhum de seus personagens lida com as situações embargantes em que se inserem através de recursos animados por uma atividade criadora alimentada pela invenção (MAGALHÃES, 1980, p. 68), como acontece com a maioria dos protagonistas bojunguianos. (Bortoluzi, 2013, p. 33)

Ou seja, em *Sapato de Salto* (2006), o aspecto realista se sobressai em detrimento do elemento fantástico, conferindo à narrativa uma atmosfera singular.

Em *Sapato de Salto*, porém, Sabrina não possui nenhuma bolsa-esconderijo, nem casa-de-madrinha-refúgio, e não é em uma corda-bamba que ela precisa se equilibrar, mas em cima de um sapato alto. É a realidade que se impõe devastadora para essa menina de 11 anos, impelida de maneira brutalmente precoce a tornar-se adulta. (Bortoluzi, 2013, p. 34)

Contudo, conforme observado por Bortoluzi (2013), embora o aspecto realista seja predominante em *Sapato de Salto* (2006), a fantasia não é totalmente eliminada (Ribeiro, 2022, p. 47)

Porém, se a fantasia instituída na narrativa não oferece recursos suficientes para resgatar Sabrina das garras cruéis da realidade, ela também não desaparece por completo. Antes, funciona como um ponto de partida, e não mais um fim ou meio, para o desenlace de sua história. É a humanidade que se sobressai em *Sapato de Salto*, prevalecendo sobre todos os dramas e não permitindo que a fantasia, enquanto capacidade de sonhar e meio de abrir novas possibilidades de existência, seja de todo apagada. (Bortoluzi, 2013, p. 34 e 35).

Assim, ao concluir sua análise Bortoluzi (2013) afirma que a distinta abordagem em *Sapato de Salto* (2006) “não empobrece de maneira alguma o impacto da história sobre o leitor, visto que Lygia, assim como de costume, não fecha os caminhos interpretativos ao fim da narrativa, não lhe confere nenhum tom moralizante, nem pretende diminuir o valor da imaginação. Ela sabe que na vida, assim como na fantasia, sempre existirão inúmeras maneiras de se superar a realidade embargante em que possamos nos encontrar” (Bortoluzi, 2013, p. 46).

Diante do exposto, passamos então, no próximo capítulo, a análise mais minuciosa do livro *Sapato de Salto* (2006), explorando como a autora aborda de forma cuidadosa e responsável os temas complexos do abuso infantil e da prostituição. Destacaremos os recursos literários utilizados para transmitir essas narrativas sensíveis, proporcionando uma compreensão mais profunda da obra.

3 TEMAS FRATURANTES EM *SAPATO DE SALTO*

Sapato de Salto, publicado inauguralmente em 2006, é a vigésima obra de Lygia Bojunga. O livro ganhou, em 2007, o selo Altamente Recomendável para o Jovem da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ). Esta obra destaca-se por sua abordagem menos fantasiosa e mais realista, proporcionando uma perspectiva direta e crua sobre questões complexas, tais como o abuso infantil, a prostituição, a homossexualidade, a morte, o abandono e o relacionamento abusivo.

A história se desenrola ao longo de catorze capítulos, centrando-se na personagem Sabrina, uma criança órfã de onze anos que reside na Casa do Menor Abandonado desde os primeiros dias de sua vida. Quando é levada para trabalhar como babá e empregada doméstica na casa de uma família composta por Dona Matilde, Seu Gonçalves e seus filhos Betinho e Marilda, a trajetória da menina toma um novo rumo. Nesse ambiente, Sabrina sofrerá maus-tratos nas mãos de dona Matilde e será abusada por seu Gonçalves, “e essas são apenas as primeiras desventuras por ela vivenciadas, para quem calçar um sapato alto não significará nada de encantador, mas sim um passaporte prematuro para uma realidade sórdida a qual nenhuma criança deveria ser exposta” (Bortoluzi, 2013, p. 34).

Na cena inicial do primeiro capítulo, intitulado “O Segredo Azul Fraquinho”, quando conhecemos Sabrina no momento em que ela chega à casa dos Gonçalves, já vislumbramos alguns indícios do que a menina enfrentaria nessa casa, visto que ela é recebida com uma mistura de curiosidade e desconfiança. Dona Matilde, descrita por Bortoluzi (2013) como “uma mulher arrogante, preguiçosa, extremamente ansiosa e muito cheia de preconceitos” (Bortoluzi, 2013, p. 35), demonstra não ter simpatizado com Sabrina desde sua chegada, o que fica perceptível por meio de seu questionamento: “Será que ela presta?” (Bojunga, 2018, p. 11). Já seu Gonçalves, ao contrário, exibe um encantamento notório pela personagem, sugerindo algo além de uma simples admiração: “olhou devagar para Sabrina; bebeu um gole d’água” (Bojunga, 2018, p. 9). Seus gestos e olhares revelam uma sutileza ambígua, uma atmosfera carregada de segundas intenções, que sinalizam para um interesse além do aparente.

Seu Gonçalves, então, vai ficando cada vez mais interessado na menina (Bortoluzi, 2013, p. 36), demonstrando um encanto visível por suas habilidades e trabalho: “Que menina inteligente, Matilde! [...] E como é trabalhadeira!” (Bojunga, 2018, p. 15). Contudo, “dona Matilde parece gostar dela cada vez menos. Inicialmente não fica claro para o leitor o motivo

de toda essa implicância. Mas não tarda para que descubramos as suas razões” (Bortoluzi, 2013, p. 36).

Seu Gonçalves [...] ficava esquecido da vida vendo ela e os filhos brincando. Quando ela virava cambalhota pra divertir as crianças, ele ria ainda mais. E meio que fechava o olho querendo ver melhor a calcinha que Sabrina usava. Um dia trouxe bala pra ela. Ela se espantou:
 – Pra mim?
 – Presente. [...]
 – Primeira vez que eu ganho.
 – Ah, é? – E no outro dia trouxe mais.
 Sabrina se encantou.
 – O senhor até tá parecendo meu pai.
 – Olha o que eu trouxe pra você.
 – Hmm, quanto bombom!
 – Não conta pra ninguém, viu?
 – Pode deixar. (Bojunga, 2018, p.16-17)

Esse trecho “nos dá pistas acerca do caráter e das intenções duvidosas de seu Gonçalves” (Bortoluzi, 2013, p. 36). Além disso, tais atitudes, acabam envolvendo a menina, cuja maior carência é a falta de uma família (Bortoluzi, 2013, p. 36), em uma rede de manipulação e segredos, sem que ela tenha plena consciência disso, tendo em vista que, por ter encontrado em seu Gonçalves uma figura paternal, Sabrina passa a depositar total confiança nesse homem, sem perceber suas intenções ocultas, principalmente por sua própria inocência infantil, diante de suas atitudes aparentemente bondosas (Bortoluzi, 2013, p. 36), o que estabelece uma atmosfera de confiança mútua e confidencialidade entre eles, formando assim o que viria a ser o “hábito do segredo” (Bojunga, 2018, p. 17).

Diante desse clima de confiança mútua, Sabrina encontra coragem para solicitar a seu Gonçalves auxílio em seus estudos, que haviam sido deixados de lado desde sua saída do orfanato (Bortoluzi, 2013, p. 37). E assim, durante as aulas, “Seu Gonçalves ficava cuidando ela com o olho, examinando cabelo, braço, pescoço” (Bojunga, 2018, p. 20). Até que, em uma determinada noite, o homem adentra o quarto de Sabrina, e é nesse momento que testemunhamos a revelação do segredo maior.

[...] Sabrina progredia tanto nos estudos que o Seu Gonçalves quis ver se outras aulas iam ser tão bem assimiladas assim. Entrou uma noite no quarto dela e se instalou na cama com jeito de quem está inventando uma nova brincadeira. Quando Sabrina foi gritar de susto, ele tapou o grito com um beijo. E depois cochichou: – Esse vai ser o nosso maior segredo, viu? – e foi brincando de roçar o bigode na cara dela. (Bojunga, 2018, p. 21-22)

Em outras obras de Lygia, quando a narrativa atinge esse ponto de intensidade, “a autora costuma lançar mão de recursos metafóricos ou de analogias simbólicas para representá-los. Mas não aqui. Não em *Sapato de Salto*. A perversão e maldade da experiência a qual Sabrina é submetida são descritas sem suavizações, consternando até o mais insensível dos leitores” (Bortoluzi, 2013, p. 37).

Sabrina sentiu o coração disparando. O bigode desceu pro pescoço. Sabrina não resistiu: teve um acesso de riso. De puro nervoso.

– Psiu! Psiu! – ele pedia. [...] O bigode foi varrendo cada vez mais forte os cantinhos de Sabrina. Ela sufocava: o nervosismo era tão grande que cada vez ria mais. Ele tirou do caminho lençol, camisola, calcinha. De dentro da risada saiu uma súplica:

– Que que há, seu Gonçalves? Não faz isso, pelo amor de deus! O senhor é que nem meu pai. Pai não faz assim com a gente. – Conseguiu se desprender das mãos dele. Correu pra porta. Ele pulou atrás, arrastou ela de volta pra cama:

– Vem cá com o teu papaizinho.

– Não faz isso! Por favor! Não faz isso! – Tremia, suave. – Não faz isso!

Fez. (Bojunga, 2018, p. 22)

Diante desse acontecimento traumático, “a trajetória da menina, já tão marcada de perdas, encaminha-se velozmente rumo à perda de sua infância, que vai lhe sendo tirada a golpes profundos e de maneiras extremamente dolorosas” (Bortoluzi, 2013, p. 38).

E o grande segredo dos dois passou a animar a vida dele, a botar sombra nos dias dela; e de noite, tudo que é noite, a mesma tensão: ele hoje vem? O olho hipnotizado pela maçaneta redonda, de louça branca, o coração batendo assustado. Foi se esquecendo de prestar atenção no estudo, foi se esquecendo de pensar que cor que era isso e aquilo, nunca mais desenhrou. (Bojunga, 2018, p. 23)

À medida que o tempo passa, Sabrina começa a encarar como normais as situações que vivencia e percebe que estas estavam operando como um sistema de trocas, como se vê no momento em que pede dinheiro a Seu Gonçalves (Filho *et al*, 2018):

[...] Quando saía falava:

– A balinha que você gosta tai na cadeira

Ou chocolate. Ou revista em quadrinho. Ou lenço. Mas levava sempre uma coisa. E quando uma noite não levou, explicou:

– Hoje não deu tempo de comprar.

– Ah...

– Mas guarda esse dinheirinho – saiu

Sabrina levantou, pegou o dinheiro, levou para junto da janela, examinou, largou pro lado, sentou. Ficou olhando para o chão. Pegou de novo o dinheiro, dobrou devagar a nota, enfiou ela no colchão e, na outra noite, quando o seu Gonçalves já ia saindo:

– Eii! E o dinheirinho? (Bojunga, 2018, p. 27-28).

Segundo Filho *et al* (2018), é a partir desse momento da narrativa que Sabrina toma consciência das interações sociais que mais tarde resultariam na prostituição a qual a

personagem se sujeita (Filho *et al*, 2018, p. 3). Em meio a esses acontecimentos, surge a tia Inês, “peça-chave para todas as mudanças que ocorrerão na vida de Sabrina” (Bortoluzi, 2013, p. 38). É a partir da chegada dessa tia que a menina viverá pela primeira vez num ambiente familiar acolhedor. Com isso, Sabrina se encontra num dilema moral interno, ponderando se deve ou não se abrir com sua família sobre os abusos que sofreu, e mais tarde, quando finalmente decide contar para sua tia Inês, fica claro que a questão da prostituição na família tinha uma dimensão mais profunda (Filho *et al*, 2018, p. 3-4).

[...] Com essa barriga não arranjo emprego. Tentei de babá, faxineira, tudo. Mas não deu. Não tenho coragem de voltar para casa. O jeito foi aquele mesmo que você conhece. Tem homem que gosta, não é? de trepar com mulher de barrigona. A criança está para nascer. Fico com muita fome. Fazer o quê? (Bojunga, 2018, p. 107)

Nesse trecho, podemos notar que Maristela, mãe de Sabrina, não se envolveu na prostituição por vontade própria, mas sim devido às muitas dificuldades que vinha enfrentando, o que a levou a tomar a triste decisão de prostituir-se como uma forma desesperada de garantir sua subsistência. Quanto à tia Inês, embora a narrativa nunca mencione explicitamente sua prostituição, sugere-se, por meio de insinuações e comentários dos moradores locais, que ela recorria a meios adicionais além das aulas de dança para sustentar o lar e cuidar de Dona Gracinha (Filho *et al*, 2018, p. 4).

[...] se passava por professora de dança, mas que você [...] deve saber tão bem quanto eu que eram *outras* as coisas que ela ensinava. (Bojunga, 2018, p. 229)

A visita do Assassino confirma essas insinuações de maneira trágica. O Assassino é, na verdade, o homem por quem Inês foi muito apaixonada, e nos anos em que viveu com ele, se envolveu na prostituição para sustentá-lo, e agora, ele volta desejando tê-la consigo novamente para retomar essa vida (Filho *et al*, 2018, p. 4): “[...] Agora eu já sei que zona cê vai trabalhar pra descolar muito mais grana do que descolava no Rio” (Bojunga, 2018, p.133). Ao se negar a retornar àquela vida com ele, ela acaba sendo assassinada por esse homem. À vista disso, “é assim, após a morte de Inês e para poder sustentar a si mesma e à sua avó, que Sabrina calça o *sapato de salto* outrora calçado por sua tia, indo prostituir-se para obter o sustento da casa amarela que agora, por brutal imposição da vida, era de sua total responsabilidade” (Bortoluzi, 2013, p. 41). Nesse sentido, a prostituição emerge, mais uma vez na história, como a única alternativa viável, sendo mais uma imposição do que uma

decisão voluntária. Assim, a criança é impelida a adultizar-se, assumindo um papel que de modo algum deveria ser o seu” (Bortoluzi, 2013, p. 41).

A primeira vez que Sabrina se prostituiu foi com Orlando, o açougueiro da cidade, em um capinzal à beira do rio, distante do centro urbano (Filho *et al*, 2018, p.5).

– Aqui tá o caminho por onde a gente veio. Eu vou indo na frente. Dá um tempo pra voltar: é bom que ninguém veja a gente junto. Tchau. – deu as costas.
 – Ei, pera aí! – Quase num salto, a Sabrina se pôs na frente dele. – E o dinheirinho? O açougueiro procurou no bolso; estendeu uma nota para a Sabrina.
 – Não foi isso que a gente combinou – ela falou com firmeza.
 O açougueiro teve uma ligeira hesitação; tirou do bolso outra nota e deu pra ela.
 – Nem isso – ela disse, enfiando dentro da blusa as duas notas. – A gente combinou que era trinta, falta mais dez.
 – Você não é nenhuma Inês, tá começando agora. Vinte tá muito bem pago.
 – Afastou a Sabrina com o braço do mesmo jeito que afastava o mato e seguia em frente.
 – Dá um tempo pra voltar! – recomendou outra vez. Ela ficou um tempo parada; depois se virou pro rio. (Bojunga, 2018, p.167).

A expressão "E o dinheirinho?" (Bojunga, 2018, p. 167), traz à mente do leitor o momento em que a relação de Sabrina com o dinheiro teve origem, proveniente dos abusos de Seu Gonçalves, que ressurge na história novamente como um sistema de trocas e meio essencial de sobrevivência (Filho *et al*, 2018, p. 5). Após todas essas experiências traumáticas vivenciadas, nota-se o “amadurecimento” precoce da menina. Esse fato fica bem mais claro no diálogo abaixo, entre Sabrina e Paloma e torna perceptível como a morte de tia Inês foi decisiva para que ela tivesse que optar por prostituir-se para manter o lar (Filho *et al*, 2018, p. 5):

– E o que que você é?
 – Puta, ué.
 A resposta deu um susto na Paloma. Ela se endireitou na cadeira:
 – Que que é isso, Sabrina?
 [...]
 – E por que que você diz que é puta?
 – Puta não é quem descola uma grana pra fazer coisa que homem quer que a gente faz quando fica pelada?
 [...]
 – E... É isso que você faz? – a Paloma acabou perguntando.
 – E cobro trinta reais. O açougueiro me sacaneou, só quis me pagar vinte. Mas quando aquele cara da padaria veio aqui me assustar eu disse logo: trinta; e adiantado. Ele pagou. (Bojunga, 2018, p. 215-216).

A atmosfera realista da obra intensifica o drama e a profundidade da narrativa. Nesse contexto, para Bortoluzi (2013), “o seu teor de violência e dramaticidade não é amenizado por nenhuma espécie de artifício imaginativo, nem mesmo o trabalho com a linguagem –

marca atenuadora em outros momentos dessa natureza nas obras de Lygia – emerge para resguardar Sabrina da dureza daquela situação” (Bortoluzi, 2013, p. 40). Ou seja, a autora opta por uma abordagem direta e sem concessões, expondo sem filtros as experiências cruas enfrentadas pela protagonista, o que contribui para a intensidade emocional e a impactante representação dos temas abordados.

Além disso, outro aspecto perceptível ao abordar essas temáticas difíceis é a representação dos personagens envolvidos, como a descrição das características da personagem tia Inês, que sugere ao leitor sua realidade, embora não seja explicitamente afirmada (Filho *et al*, 2018, p. 6):

Uma mulher na casa dos trinta esperava de braços cruzados. Primeiro, o olho da Sabrina se prendeu no olho da mulher; depois, subiu pro cabelo: ruivo, farto, uma mecha loura daqui, um encaracolado de lá; desceu pra orelha: argolona dourada na ponta; atravessou pra boca: o lábio era grosso, o batom bem vermelho; mergulhou no pescoço: conta de vidro dando três voltas cada volta de uma cor; o olho ganhou velocidade, atravessou o decote ousado, meio que tropeçou na alça da bolsa e foi despencando pro cinto grosso (que cinturinha ela tem!), e pro branco apertado da saia, e pra perna morena e forte que descansava o pé num sapato de salto. Bem alto. Unha da mão pintada da mesma cor do batom. (Bojunga, 2018, p. 29-30).

Dessa forma, as características da tia Inês, descritas no primeiro momento em que ela se faz presente na narrativa, dialogam com a realidade que ela enfrentava, apresentando a temática da prostituição não como um tabu, mas sim como algo presente na sociedade, ao longo de toda a obra, demonstrando os fatores que influenciaram diretamente a vida das personagens (Filho *et al*, 2018, p. 6). Outro ponto importante é a simbologia do *Sapato de Salto*, que surge como uma representação emblemática que caracteriza a tia Inês e direciona novos caminhos para Sabrina. Os calçados, que antes simbolizavam o sonho de Inês de ser dançarina e posteriormente passaram a representar seus anos na prostituição, agora passam a ter um significado marcante na vida da menina.

Se já havia sido altamente simbólico na vida de Inês (ela calçou o seu primeiro sapato alto quando decidiu ser dançarina e muitos outros durante sua vida de prostituição), passa agora a significar bastante também na vida de Sabrina, tanto como uma insígnia do amadurecimento forçado - “quando eu saio eu boto a sapato da tia Inês pra não parecer que ainda vou fazer 11 anos” (BOJUNGA, 2006, p.214) -, quanto como uma espécie de monumento erguido em memória ao tempo em que ela realmente pode ser criança - “Mas a tia Inês tá aqui, ó. [...] O olho continuava no sapato, mas agora se enchendo de lágrimas” (Bojunga, 2006, p. 216). (Bortoluzi, 2013, p. 44)

Bojunga ainda dá um destaque na obra sobre a maneira como a sociedade comumente enxerga a questão da prostituição (Filho *et al*, 2018, p. 7):

- [...] Pois fica sabendo que a “tua filha adotiva” é uma prostitutazinha. Zinha, não: puta mesmo. De pega homem na rua e tudo. Aprendeu com a tia, que agora todo mundo sabe o que que ela era (Bojunga, 2018, p.242)

Em nossa sociedade, muitas vezes, não se investiga profundamente as razões por trás da entrada de uma pessoa na prostituição. Há uma série de fatores que contribuem para que alguém chegue a essa situação. No caso de Maristela, foi a extrema pobreza; para Inês, foi a influência de um homem; e para Sabrina, foi a falta de recursos para cuidar de si mesma e de sua avó. É importante ressaltar que essas personagens não escolheram esse caminho por vontade própria. É uma realidade triste, cruel e lamentavelmente não restrita apenas ao campo literário, mas sim presente em nossa sociedade, afetando a vida de muitas crianças e jovens.

A hegemonia masculina em relação à mulher e a dominação do adulto sobre a criança são fatores influentes uma vez que o machismo e o adultocentrismo, por essência, violam os direitos do outro. Além disso, a violência e o abuso sexual na infância também são fatores que propiciam a iniciação na exploração sexual. A criança que sofre violência, sexual ou não, torna-se suscetível à exploração de qualquer natureza, uma vez que a violência tende a lesar sua integridade psíquica. (Ribeiro & Dias 2008, p. 468)

Assim, Lygia Bojunga retoma durante todo o percurso da narrativa uma temática que dialoga com inúmeros conflitos sociais, que intrinsecamente não envolve uma só personagem, mas outras, costurando com isso uma narrativa pautada em assuntos reais que fazem parte do cotidiano na sociedade em que vivemos.

A prostituição infantil também não está distante da nossa realidade nacional. Uma notícia deste ano do jornal Hoje em Dia denuncia um aumento de 90% dos pontos de prostituição infantil nas rodovias de Minas entre os anos de 2019 e 2020. Os pontos foram de 184 em 2017-2018 para 351 em 2019-2020. A pandemia do coronavírus parece ter cumprido um papel nesse aumento substancial ao deixar muitas pessoas em uma situação de vulnerabilidade econômica grave. Em *Sapato de Salto* é, também, a vulnerabilidade econômica que leva Sabrina e sua mãe a se prostituírem. (Barros, 2021 *apud* Ribeiro, 2022, p. 70)

Desse modo, o leitor olha para uma temática como essa, considerada tabu, sobre outro olhar, visto que ao ter contato com as personagens na narrativa, ele se torna capaz de amplificar o seu modo de enxergar os acontecimentos da história (Filho *et al*, 2008, p. 8),

tendo em vista que “a literatura pode funcionar muitas vezes como um meio de oferecer ao leitor uma nova visão acerca da realidade, promovendo um questionamento sobre ela e cumprindo, conseqüentemente, seu papel formador (Bortoluzi, 2013, p. 89).

Logo, a obra *Sapato de Salto* (2006), torna-se urgente na medida em que nos confronta com as complexidades e injustiças que permeiam a realidade de tantas crianças e adolescentes. Ao nos envolvermos com a história de Sabrina, somos compelidos a refletir sobre as diversas circunstâncias que podem levar alguém a enfrentar situações tão difíceis, e somos chamados à ação para combater as causas subjacentes desses problemas sociais. Além disso, ao ler a obra, é possível que surja uma identificação com a personagem principal, por exemplo, ou algum outro personagem, o que pode impulsionar a denúncia daqueles que enfrentam essas temáticas na vida real.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise de *Sapato de Salto* (2006) nos permitiu adentrar nas profundezas de uma narrativa que enfrenta corajosamente os temas fraturantes (Ramos; Navas, 2015) do abuso infantil e da prostituição. Mesmo com “uma linguagem crua e literal — apesar de acessível e coloquial — o que diferencia o livro de grande parte da obra da autora” (Ribeiro, 2022, p. 45), Lygia Bojunga não negligencia a delicadeza e a sensibilidade necessárias para lidar com temas tão complexos. A linguagem plurissignificativa da obra permite que o leitor amplie seu campo imaginativo e, orientado pelos olhares-narradores, participe ativamente da construção dos sentidos do texto, uma vez que ele se depara com situações diversas que se conectam com seus conhecimentos prévios, formando seus horizontes de expectativas (Bortoluzi, 2013, p. 89).

Além disso, a presença simbólica do *sapato de salto*, que perpassa toda a história, é um lembrete contundente das transformações e traumas que marcam a jornada de Sabrina e de tantas outras crianças em situações semelhantes. É um símbolo de amadurecimento precoce, de perda da inocência e de luta pela sobrevivência num mundo muitas vezes indiferente ao sofrimento dos mais vulneráveis.

Apesar de todos os problemas enfrentados pela menina, no final da história, há uma luz de esperança na forma da personagem "Paloma", que resgata a menina desse mundo cruel e passa a cuidar dela. Essa situação reflete a importância do apoio e da proteção de pessoas compassivas em meio a circunstâncias difíceis.

Nesse sentido, ao analisarmos a forma como Bojunga trata esses temas sensíveis na obra em questão, torna-se evidente sua habilidade em abordar essas questões de maneira sensível e cativante. A autora incorpora elementos do realismo e da fantasia em suas histórias, sem menosprezar o potencial de apreciação estética do jovem leitor (Ribeiro, 2022, p. 91), levando-o a mergulhar nas vidas e experiências dos personagens, a explorar mundos imaginários ou a refletir sobre questões profundas da vida real. É como se Bojunga abrisse uma janela para um mundo onde a realidade se entrelaça com elementos fantásticos, proporcionando ao leitor uma experiência visceral e transformadora.

Ao final, emerge não apenas uma história comovente, mas uma reflexão contundente sobre a importância da empatia e da conscientização diante das realidades mais sombrias de nossa sociedade. Lygia Bojunga, com sua escrita autêntica e perspicaz, nos convida a

repensar nossas próprias premissas e valores através de uma realidade ficcional dolorosa de maneira mais bruta e literal, mas que não deixa de ser sensível (Ribeiro, 2022, p. 91).

Assim, ao viajarmos, através da leitura, pelo mundo inseguro da infância retratado na obra *Sapato de Salto* (2006), somos conscientizados e sensibilizados pelas densas e fraturantes denúncias de abuso infantil e prostituição que permeiam a narrativa. Dessa forma, ao nos debruçarmos e seus desdobramentos, confrontamos uma dura realidade que se faz presente não só na ficção. Diariamente, inúmeras crianças têm sua infância roubada, o que nos desperta, para além do exercício da alteridade, a consciência crítica de que a infância é uma fase marcada por vicissitudes e que deve ser protegida.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- AUTRAN, Paula. **“Foi como uma bigorna na cabeça”, diz Ana Maria Machado, acusada de incitar suicídio**. O Globo, 2018. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/foi-como-uma-bigorna-na-cabeca-diz-ana-maria-machado-acusada-de-incitar-suicidio-23047123> Acesso em: 09/04/24.
- BARROS, Luiz Augusto. **Pontos de prostituição infantil aumentam 90% nas rodovias federais de Minas**. Jornal Hoje em Dia (versão digital), 11 de janeiro de 2021. Disponível em: [Pontos de prostituição infantil aumentam 90% nas rodovias federais de Minas \(hojeemdia.com.br\)](https://hojeemdia.com.br). Acesso em: 16/04/2024
- BOJUNGA, Lygia. **Sapato de Salto**. 3 ed^a, Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2018.
- BORTOLUZI, Jemima Stetner Almeida Ferreira. **Calçando um Sapato de Salto: um estudo da recepção de temas polêmicos por jovens leitores**. 2013. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-graduação em Linguagem e Ensino). Universidade Federal de Campina Grande, 2013.
- BRENMAN, Ilan. **A condenação de Emília: O politicamente correto na literatura infantil**. Belo Horizonte: Aletria, 2012.
- CADEMARTORI, L. **O que é literatura infantil?** 6.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- CARVALHO, Bárbara Vasconcelos de. **A literatura infantil: visão histórica e crítica**. 6.ed. São Paulo: Global, 1989. (Série Crítica e Teoria Literária).
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.
- FEBA, Berta Lúcia Tagliari. **A representação da personagem em Lygia Bojunga: do mundo social para o universo infantil e juvenil**. 2015. Doutorado. Tese (Programa de Pós-graduação em Letras). Universidade Federal de Maringá, 2015.
- FILHO, Roberto Barbosa Costa et al. **As múltiplas faces da prostituição no livro sapato de salto, de Lygia Bojunga**. Anais VII ENLIJE... Campina Grande: Realize Editora, 2018.

Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/45298>>. Acesso em: 20/03/2024 15:35

FRANCO, Nara Lêda. **Aspectos da fortuna crítica brasileira de Charles Perrault**. (Programa de Pós-graduação - Mestrado em Letras do Campus de Três Lagoas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2011.

JARLICH, C. **Infância e infâncias: narrativas de abandono na ficção e na vida**. (Dissertação de Mestrado) – Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, p. 1-140, 2011. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/18368/18368_5.PDF Acesso em: 10 de março de 2024.

LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. **Literatura infantil brasileira: história & histórias**. São Paulo: Ática, 1984.

LEAL, Luciana Ferreira. **O trágico em Lygia Bojunga**. Paraná: Editora Felcicam, 2021. Disponível em: <https://campomourao.unespar.edu.br/editora/documentos/o-tragico-em-lygia-bojunga.pdf>. Acesso: 20/02/2024

MACHADO, Ana Maria. **Casa Lygia Bojunga**. Disponível em: <http://www.casalygiabojunga.com.br>. Acesso em: 09 de março de 2024.

MACHADO, Ana Maria. **O menino que espiava para dentro**. Ilustrações de Alê Abreu. São Paulo: Global, 2008.

MAEDA, Luciana Aparecida Montanhez. **Uma aproximação entre o Bildungsroman e Sapato de Salto, de Lygia Bojunga**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras (Área de concentração: Estudos Literários) do Campus de Três Lagoas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS, como requisito final para a obtenção de título de Mestre em Letras, 2011.

MARCHI, Diana Maria. **A literatura Infantil Gaúcha: uma história possível**. 1ª ed. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2000.

NARDES, Laura Battisti. **Literatura infanto-juvenil: estética literária em Lygia Bojunga Nunes**. Campo Grande: Ed. do autor, 1991.

PALHANO, Tatiana Coelho. **Leitura e desleitura na obra de Lygia Bojunga**. 2009. 141f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Literatura, Programa de Pós-Graduação em Letras, Fortaleza-CE, 2009.

PALO, Maria José; OLIVEIRA, Maria Rosa Duarte. **Literatura Infantil: Voz de Criança**. São Paulo: Editora Ática, 2003.

PASSOS, Vanessa Paulino Venancio. **Manual de estilo e criação literária com a artesã Lygia Bojunga**. 2018. 136f. - Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Letras, Fortaleza (CE), 2018.

PERROTTI, E. **O texto sedutor na literatura infantil**. São Paulo: Ícone, 1986.

PIRES, Fernanda de Aguiar Ribeiro. **A Literatura de Lygia Bojunga Nunes: o real e o fantástico como instrumentos de denúncia dos problemas sociais de crianças e adolescentes**. Disponível em:

<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/95049/000917395.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 01/04/2024

RIBEIRO, Carmina Monteiro. Realismo e fantasia no tratamento de temas fraturantes em sapato de salto e corda bamba, de Lygia Bojunga. Curitiba, 2022. Mestrado (Dissertação em Letras) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Letras.

RAMOS, Ana Margarida; NAVAS, Diana. **Narrativas juvenis: o fenómeno crossover nas literaturas portuguesa e brasileira**. Elos. Revista de Literatura Infantil e Juvenil, vol. 2, 2015 “Artigos”, p. 233-256. ISSN 2386-7620. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15304/elos.2.2745>. Acesso em: 13/03/2024

RIBEIRO, Moneda Oliveira & DIAS, Aretuzza de Fátima. **Prostituição infantojuvenil: Revisão sistemática da literatura**. São Paulo: Rev. Esc, Emferm. USP, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v43n2/a29v43n2.pdf> Acesso em: 08/04/2024 às 15:32.

SANDRONI, Laura. **De Lobato a Bojunga: as reinações renovadas**. Rio de Janeiro: Agir, 1987.

ZILBERMAN, Regina; CADEMARTORI, Ligia. **Literatura Infantil: Autoritarismo e Emancipação**. São Paulo: Editora Ática. 1987.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura**. 1ª ed. Curitiba: IBPEX, 2010.